

O QUE VOU FALAR PARA OS MEUS 70 ANOS?

Data de aceite: 01/06/2023

Maria Regina dos Santos Vergueiro

Aqui estou eu, entrando nos 70. Eu não pensava chegar nele tão rapidamente. Desta vez, contudo, não fui pega de surpresa, como nos 50 e nos 60 - eu já estava à espreita. Havia algum tempo que vinha me perguntando o que ia dizer a ele, quando chegasse.

As ideias foram clareando devagar, não foi assim, de repente. As coisas começaram por volta dos 66 ou 67 anos. Dei uma parada para relaxar e vi você – minha nova década – se aproximando. Eu estava feliz, leve e solta na vida. Por que antecipar uma conversa que poderia deixar para mais tarde?

Nada a ver com arrependimentos. Do fim dos meus 50 anos até meados dos 60, fiz quase tudo que almejei. Quando me aposentei, disse para mim: agora vou me divertir. E lá fui eu. Viajei por várias partes do mundo, sem horário para voltar, vagabundeei pelos shoppings, vi todos os filmes que queria ver, tomei muitos cafés

com os amigos, no meio da tarde, naqueles dias da semana em que só os que podem cometer esse pecado, o fazem.

Então, quer saber por que mudei de rumo? Se estava me divertindo, como afirmei, qual a razão da mudança? Bem, a resposta não é tão simples, mas vamos lá. São aquelas pedras que insistem em bloquear os nossos caminhos, aquelas que nos machucam, mesmo quando estamos felizes, pois apenas as contornamos. E nunca a retiramos em definitivo.

O medo da velhice era uma delas, já falei sobre isso. Mas havia outros medos, outros sentimentos que, algumas vezes, voltavam. E o que era para ser felicidade, convertia-se no oposto, virava tristeza, aborrecimento.

Um exemplo foram algumas das minhas viagens. Claro que não todas elas. Lá ia eu gastar o dinheiro que havia guardado para isso. Arrumava a mala, pensando nos lugares que ia passar, nas fotos que ia tirar, nas histórias que iria contar, quando voltasse. E quando voltava, não tinha ânimo para nada. Nada de

organizar fotos, rever momentos, nem queria falar no assunto.

Ah, as pedras da minha vida... Se eu ia viajar com outras pessoas e, durante a viagem, algo me incomodava, por que não falava a respeito? Por que não cobrava, quando o que havia sido combinado - e que me fizera aceitar a viagem - fora simplesmente descumprido? Por que engolia tantos sapos? Ou só deixava para me manifestar quando estava com a cabeça fervendo e já não era mais tempo de falar sobre?

Tive tantas chances para resolver tudo, mas deixei para lá. Como dizia Fernando Pessoa: “Agora, o tempo está diminuindo. É tempo de abandonar roupas usadas, que têm a forma do nosso corpo. E esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares”.

A morte da minha mãe e de duas amigas, com quem convivi e morei no meu início em Brasília, me fizeram ter a compreensão exata do que o poeta escreveu. Tenho que fazer a travessia da minha vida antiga para uma atual, onde eu seja mais leve e o contentamento com ela venha de dentro e reflita no que eu resolver viver, aqui fora. Se não fizer, como diz Fernando Pessoa, terei ficado à margem de mim mesma.

Mesmo, porque, você, leitor, vai deixar de ler o que escrevo e dizer: “Ela fala só de problemas, de medos. E que vai mudar; viver simplesmente. Mas nada! Só se repete!”.

Então, setenta, podem vir! Estamos conversados. E se prepare porque lá vamos nós! Aliás, eu já tomei minhas providências para essa mudança. Mas não pense que vai ser assim, num passe de mágica. Ou que, por causa disso, vamos ter todo o tempo do mundo. O tempo urge para a gente, ele está cada vez menor. Mas nada de desespero, a gente vai mudando. E a cada mudança, comemorando a vida! Pois, na vida, o que importa não é o que obtemos ao final do caminho, mas o próprio caminho.

Estamos de acordo?